



“As filhas de lilith”, transgredindo entre o divino, o erótico e o pornô

Rafaela Barbosa¹

RESUMO

A pesquisa que originou esse artigo teve como objetivo compreender a referida obra tanto do ponto de vista do mito bíblico quanto das classificações do que seria erótico ou pornô. Utilizamos em especial seis, das 26 poesias incluídas nesse livro, e questionamos sobre a qualidade literária das obras que aludem ao sexo e quais seriam suas categorias. Utilizamos como recurso para a análise, o léxico e exemplos de obras literárias para mostrar que o invólucro cultural certamente dificulta a distinção entre o erótico e o pornô, distinção essa que varia ao longo do espaço e do tempo.

Palavras-chave: Poesia. Feminismo. Erótico. Pornô.

A gênese

É comum vermos obras sendo classificadas separadamente como eróticas ou pornôs, mesmo sendo carregadas de lirismo obras não explicitamente eróticas contêm momentos de erotismo intenso, sendo muitas vezes confusa essa distinção do que seria erótico ou pornográfico na obra em questão. *As filhas de lilith* (2009), de Cida Pedrosa², é um mosaico literário todo escrito em letras *minúsculas*. O livro tem pouco mais de um ano e não se trata apenas de um livro de poesias, mas de um livro de vidas, questiona valores, convenções, restrições ideológicas e políticas. São

¹ Rafaela Barbosa de Andrade, graduanda em Letras UFPE. E-mail: rafaelabarbosa.ufpe@hotmail.com.

² Cida Pedrosa nasceu em Bodocó, sertão de Pernambuco em 1963. É poeta e edita em parceria com o Sennor Ramos a Interpoética. Publicou *Restos do Fim* (1982); *Cântaro* (2000); *Gume* (2005) e *As filhas de lilith* (2009). Participou de várias antologias. É uma das organizadoras da RECITATA, foi uma das coordenadoras do Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco e participa das Escritoras Suicidas.

26 mulheres, 26 realidades, 26 arquétipos femininos nos sonhos dos leitores mais distantes e distintos. Cida é literalmente uma das maiores *luzes* nos sonhos da atual poesia pernambucana. Diz-se *Luzes* para lembrar a metáfora que Baudelaire usou para falar da mulher na dedicatória dos seus *Paraísos Artificiais*:

“A mulher é o ser que projeta a maior sombra ou a maior luz nos nossos sonhos. A mulher é fatalmente sugestiva; vive de uma outra vida além da sua própria; vive espiritualmente nas imaginações que frequenta e fecunda”. (Baudelaire,1971:3)

Mesmo no século XXI, obras que abordam temas eróticos são frequentemente tachadas de pornográficas e parecem de fato ter uma repercussão negativa, nem com a nova estética do pós-guerra a pecha de obscenidade conseguiu ser eliminada. Da mesma maneira que um quadro de Modigliani suscita-nos uma emoção estética, podendo levar-nos à reflexão ou ao êxtase, também podemos ler uma poesia pornô e sermos levados a uma emoção erótica. Talvez toda carga de sobriedade e austeridade em torno do que seria “decente” deixou cravado marcas suficientes para impedir que as “transgressões” literárias não fossem consideradas objetos da “alta literatura”, pois as obras literárias que aludiam ao sexo eram inseridas na categoria de imorais, sendo deste modo, destituídas de valor estético. Precisamos ver beleza também no que é explícito, não apenas no sugerido, o senso comum sempre precisou classificar para se satisfazer.

Quando falamos que há distinção, ao longo do espaço e do tempo, dos termos eróticos e pornô não estamos tratando de nada novo, podemos citar o caso de *Bacchanalia* (Peter Rubens) que no século XVII foi considerada obscenidade e, mais tarde, legitimada como canônica. Assim como a obra de Marques de Sade, dentro do contexto do século XVIII, gradativamente, até o início do século XX, após estudos e reflexões tanto de artistas quanto de intelectuais, passa a ser considerado o precursor da revolução sexual e dono de uma obra riquíssima.

A própria etimologia das palavras nos levar a querer manter a tradição sobre uma possível diferenciação, pois enquanto erotismo vem do grego Eros e significa



“desejo amoroso”, a pornografia vem diretamente das prostitutas, também do grego Pornographie, que significando “tratado sobre as prostitutas” algo diretamente ligado ao baixo calção ou ao sujo. Então como classificar o poema que abre o livro de Cida pedrosa?

angélica

o pênis de angélica
era de plástico
passou a vida a esfregar-se no espelho

eis a sina
mulher ou homem

injusto desígnio
para quem precisa-se
inteiro por dentre as coxas

voz rouca sob os lençóis
desejo de iguais
porra
bocetas também são objetos de encaixe

Atualmente, mesmo que tentássemos analisar etimologicamente estaríamos fazendo uma ligação direta das duas categorias. A *angélica* (2009:17) é uma mulher que satisfaz seus desejos amorosos sozinha, com a liberdade que a solidão lhe proporciona, sem, no entanto, parecer “sujo”, deixando cair por terra o mundo racional; mas, o fato de magnetizar o leitor ao falar de suas preferências sexuais usando uma linguagem popular, já o incita, na maioria dos casos, a classifica-la diretamente como erótica. Enquanto em *Berenice* (2009:19), Cida descreve uma

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



cena de sexo anal explícita, porém de maneira sofisticada, carregada de sutileza; contudo, essa linguagem requintada poderia oferecer um fator limitante a uma faixa de leitores que não tivesse um vocabulário mais elevado, e por não conhecer o real sentido da poesia, estaria perdendo informações de grande importância.

berenice

de costas

berenice se põe para o desejo

animal de quatro patas

exposto ao pássaro

e ao sabor das asas

a bunda em arco

se abre em pétalas

e expõe o sumo ao beija-flor

de costas

berenice se põe para o desejo

e espera o adentrar do pássaro

e os auspícios da lua

A Lilith mito bíblico

Foi interessante notar que todo o alfabeto de Cida foi batizado em cima do mito bíblico de Lilith, que em Cida se transforma em “lilith”. Segundo a tradição hebraica a Lilith teria sido a primeira esposa de Adão (e não Eva), moldada logo após seu homem, feita do barro e a noite. Justamente por ter sido formada da mesma matéria,



passou a não aceitar uma posição inferior a de Adão, sendo dessa maneira repreendida por Deus e, logo em seguida, toma a decisão de fugir do Jardim do Éden, indo para às margens do mar vermelho. Fato é que o cristianismo sempre se referiu a Lilith como um ser negativo que tenta constantemente ao longo dos séculos destruir os filhos de Eva. E mais curioso é que existem passagens na bíblia que abrem espaço para tal discussão:

“Macho e fêmea os criou” (Velho Testamento, Gên.I: 27). Alguns estudiosos, como o antropólogo Roque de Barros Larraia ao tentar interpretar a Bíblia acabaram também questionando o fato de se realmente teria sido Eva a primeira mulher a ser criada por Deus. Como podemos ver, o próprio Gênesis sustenta esta possibilidade: “E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra” (Velho Testamento, Gên.I: 28). Como poderia Deus abençoar Adão e Eva, recomendando a multiplicação se Eva ainda não teria sido criada?

Pecado original

Ao apresentar um título altamente simbólico, des (sacralizado), quebrando com o tradicionalismo cristão, nós percebemos que é o próprio mito que paira sobre os personagens, os 26 arquétipos femininos provam que pensar pela dicotomia não resolve a obra, que na verdade está sob o signo, ou sob as multiplicidades de construções existenciais, da multiplicidade de desejos, retraídos ou não.

O que Cida nos oferece em seu livro não esbarra na inércia, ela desarticula o silêncio muitas vezes imposto, seus versos são nossos desejos tantas e tantas vezes retraídos. Em *elisa* (2009:25), por exemplo, há uma aura de erotismo que envolve a atmosfera cristã; a mulher em questão se abre com o leitor e confessa que sempre quis fazer amor com deus: “elisa sempre quis fazer amor com deus/ na igreja/ enquanto todos rezavam/ contritos/ com a alma atada aos cânticos/sua beleza viajava pela beleza dos cânticos”. Esse poema carrega o que uns chamariam de blasfêmia e outros chamariam de “complexo de Édipo” pelo fato dessa mulher desejar a figura paterna desse Deus, aquele que seria responsável por lhe conceber a vida, a proteção e a salvação segundo o mito cristão.





A fonte das volúpias

Ainda sobre a dicotomia de conceitos e agora também a sexualidade como identidade, a grande provocação de *melissa* (2009:45) é que ela não nasceu mulher, mas se sentia tão feminina quanto.

Como bem afirma Beauvoir: “Não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres”.

Compreendemos desde já essa voz *feminina* como 'transgressora', sendo um homem de nascença, mas que após uma operação e uma mudança legal de registro torna-se uma cidadã com direitos e deveres. A despeito de que pensar pela dicotomia não resolve a obra, nesse caso, também, incluir um transexual na obra torna clara que a intenção não é trabalhar com padrões definidos; *melissa* não nasce mulher, mas se torna ao passo que vai construindo um mosaico de experiências de vida: “o corpo dele era feito para a saia para o justo e para homens que gostam de mulher” (Pedrosa, 2009).

A mescla do sexo, o ato meramente biológico, envolvido nessa aura da linguagem que insinua é algo que se estende por todo o livro; as mulheres-poemas analisadas são as parceiras das delícias, a mais natural fonte das volúpias.

Quando nos deparamos com o poema *rosana* (2009:59) notamos que a narrativa íntima gravita ao redor das questões sexuais sob o magnetismo da libertação ou da liberdade sobre o corpo do outro. A linguagem poética acompanha toda a cena *erótica/pornô* através da satisfação sexual da mulher com seu parceiro. Levando em consideração o tempo do prazer como um tempo veloz. Há também a relação do sexo com o rejuvenescimento no fim do poema, tanto que ela utiliza o sêmen do homem para fazer “seu peeling noturno”; percebemos a todo o momento o explícito subentendido:

rosana

em um dia de junho

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



rosana resolveu diminuir as horas

secou seu homem

a tarde toda

prende-o

entre as pernas

e ao som de bob Dylan

diluiu-o na boca

quando já não havia mas nada

sua mão

fez brotar a água

não teve dúvida

lambeu o que era possível

e os poucos pingos restantes

foram levados ao rosto

e em massagens circulares

fez

o peeling noturno

O Sujo, o mau gosto, o baixo calão e o pornô

A poesia que encontramos na letra “T” não poderia ser mais propícia para comentarmos sobre o que seria de fato algo *sujo*, de *mau gosto* e de *baixo calão* dentro das artes de maneira geral, em especial na literatura. Posto que é assim que enquadram, pobremente, a poesia pornô. Quando lemos Tereza (2009:63) nos deparamos com sexo e morte. O poema começa pelos tempos que antecedem o

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



casamento de uma mulher que “tinha planos de comprar uma casa de varanda”, até o tempo de casada, onde nos depararmos com essa mulher sendo “conduzida no carro do IML para exame de corpo de delito”. Se compararmos com o primeiro poema analisado neste trabalho (*angélica*) veremos de um lado a descrição de uma mulher independente e que busca a masturbação para se satisfazer e, do outro, (*Tereza*) veremos uma mulher que sonha com um casamento e acaba estrangulada pelo marido. Cida não dá margem para nenhuma interpretação fechada em sua obra, logo, o que seria mais sujo socialmente falando? Encarar uma Angélica sem escrúpulos e que fala de sexo abertamente ou vermos várias Terezas sendo agredidas diariamente? Existe uma liberdade interpretativa que contribui para a criação, por parte do leitor, dentro dessas histórias.

A proposta encontrada para os leitores que costumam caminhar com a fragilidade da dicotomia erótica x pornô é a de enxergar a literatura como liberdade, pois promove a individualidade criativa, isso porque não condiciona o leitor, pelo contrário: liberta suas ideias, independente de religião, porque requer do leitor a capacidade imaginativa para se completar.

Tereza

mãos enormes
as de Geraldo

tão grande que não cabem
no corpo magro de Tereza

quando se casaram
tinham planos de comprar uma casa
de varanda
e passar uma semana em Bariloche



neste tempo
os peitos de Tereza
cabiam inteiros nas mãos de Geraldo

mãos enormes
as de Geraldo

tão grandes que se espremem nas algemas
e não podem mais acenar para Tereza
que nesta hora é conduzida
no carro do IML
para exame de corpo de delito
sob suspeita de estrangulamento

A lilith Cida pedrosa

Essa *lilith* somos todos nós que seguimos transgredindo preconceitos e indo além dos limites enquadrados pelos contextos históricos do poder em que o machismo e a censura dos gêneros se desenvolvem e domina o pensamento ocidental desde a Grécia antiga, como podemos ver na República de Platão:

“Tens conhecimento de alguma atividade humana em que os homens não sobrepujem as mulheres”? Estenderemos o nosso discurso mencionando a tecelagem, a confeitaria e a cozinha, trabalhos que parecem apropriados às mulheres e em que a inferioridade dos homens é altamente ridícula? (Platão, 1997:55)

A Lilith do mito hebraico disse não à submissão, e é exatamente em cima desse *não* que Cida constrói a sua obra, dizendo *sim* à figura indomada. Na busca pela identidade feminina, a autora pernambucana concebe a *lilith* de caráter

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



universal, representada por sua prole que percorre entre as dores e delícias de ser mulher.

Com suas "palavras cortantes", a poeta faz uma denúncia *Muito além do corpo*, alusão ao livro de Luzilá Gonçalves (1988). Poetizando o cotidiano, Cida Pedrosa não esbarra na inércia, o seu grito enfevece o universo feminino, desarticula o silêncio sempre imposto às mulheres, seus versos são nossas vozes tantas e tantas vezes caladas a ferro e fogo.

Mais do que um livro de denúncia, a autora faz uma declaração de amor às mulheres, dizendo em entrevista que.

“ele é um abecedário, são 26 poemas, 26 personagens femininos, mulheres, onde eu saio fazendo, de certa forma, uma colcha de retalhos de muitos dos processos dolorosos pelos quais nós mulheres estamos passando nessa pós-modernidade. Então, lá tem uma mãe, lá tem uma mulher de quem cortam o clitóris em pleno século 21, ou seja, cadê a modernidade? Lá, tem uma negra que a única coisa que a une ao mundo dos brancos é a gravidez, tem um travesti que na verdade é uma mulher, porque ser mulher é uma questão de orientação psicológica não é uma questão física.” (Pedrosa, 2009).

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles (1971). **Os Paraísos artificiais**. Lisboa, Estampa.

BEAUVOIR, Simone (1960). **O Segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo, Difusão Européia do Livro.

D'ALMEIDA, Lael (2006). **Manuscrito**. Rio de Janeiro, PIB Jardim Monteiro.

GONÇALVES, Luzilá (1988). **Muito além do corpo**. São Paulo, Scipione.

LARRAIA, Roque de Barros (1997). **Jardim do Édem revisitado**. Vol.40 n.1. São Paulo. Revista de Antropologia.

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



MILLER, Henry (2007). ***O mundo do sexo***. São Paulo, Jose Olympio.

PAZ, Octavio (1999). ***A dupla chama: amor e erotismo***. São Paulo, Mandarin.

PEDROSA, Cida (2009). *As filhas de lilith*. Rio de janeiro, Calibán.

PLATÃO, (1997). ***A república***. São Paulo, Nova Cultura.

PORTO (1997). ***Dicionário Grego-Português Português-Grego***. Portugal, Porto.

SARAMAGO, José (2009). ***Caim***. São Paulo, Cia. Das Letras.